

Hélène Grimaud

01 ABRIL 2017



GULBENKIAN
MÚSICA



gulbenkian.pt/musica

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRAS



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



Hélène Grimaud Piano

Luciano Berio

Wasserklavier

Toru Takemitsu

Rain Tree Sketch II

Gabriel Fauré

Barcarola n.º 5, op. 66

Maurice Ravel

Jeux d'eau

Isaac Albéniz

Almeria

Franz Liszt

Les jeux d'eau à la Villa d'Este

Leoš Janáček

Nas brumas (Andante)

Claude Debussy

La cathédrale engloutie

INTERVALO

Johannes Brahms

Sonata para Piano n.º 2 em Fá sustenido menor, op.2

Allegro non troppo, ma energico

Andante con espressione

Scherzo: Allegro – Poco più moderato

Finale: Sostenuto – Allegro non troppo e rubato

Duração total prevista: c. 1h 50 min.

Intervalo de 20 min.

Water

O tema da água na música para piano

As peças características desde cedo integraram o repertório para o piano, tendo os compositores dessas obras criado aproximações musicais mais ou menos descritivas dos diversos temas abordados. O tema que unifica a primeira parte deste recital é a água, elemento que figura também como título do CD *Water* da pianista Hélène Grimaud. Nas suas variadas formas e sugestões, o presente programa congrega obras escritas entre o final do século XIX e o final do século XX, demonstrando uma grande pluralidade de perspectivas. Em algumas obras há uma abordagem mimética ao movimento da água, enquanto noutras a evocação ocupa um lugar central.

Franz Liszt (1811-1886) incluiu a peça *Les jeux d'eau à la Villa d'Este* no terceiro volume dos *Anos de Peregrinação*, escrito entre 1877 e 1882. Nessa obra, o compositor tentou capturar o ambiente da Villa d'Este, um palácio renascentista próximo de Roma, conhecido pelas suas muitas e belas fontes. As sucessões de arpejos e *tremolos* que recorrem ao pedal de sustentação tentam emular o movimento das águas, enfatizando o seu caráter líquido. A essa textura de movimento perpétuo são adicionadas melodias sinuosas que reforçam a ambiguidade tonal e a circularidade da obra.

A peça de Liszt serviu de inspiração a **Maurice Ravel** (1875-1937) que, em 1901, compôs *Jeux d'eau*. O movimento livre da água e os sons que esta produz servem de base à obra, desenvolvida em torno de dois elementos principais que são trabalhados, misturados, desenvolvidos e reexpostos. A complexidade rítmica sobre uma harmonia fluida, a sobreposição de planos e os contrastes das texturas são emblemáticos do

estilo do jovem Ravel, à época readmitido nas aulas do Conservatório de Paris, onde foi aluno de Gabriel Fauré.

A década de 1890 marcou o regresso de **Gabriel Fauré** (1845-1924) à composição, após um longo período de inatividade causado por problemas pessoais. Em maio e junho de 1891, o compositor visitou Veneza, onde certamente contactou com a barcarola, a canção do gondoleiro que reflete a cadência dos remos. Este género vocal fascinou diversos compositores que o estilizaram ao piano. A Barcarola n.º 5 foi composta em 1894, num período de reconhecimento tardio do músico. O ritmo periódico e regular serve de base a uma obra onde melodias *cantabile* são intercaladas com passagens virtuosísticas, num contexto de sofisticação harmónica tardo-romântica.

Diz-se que a apresentação de *Jeux d'eau* de Ravel teve um grande impacto na obra pianística de **Claude Debussy** (1862-1918). Alguns elementos do seu estilo de maturidade encontram-se presentes nas primeiras obras para piano, mas a publicação do primeiro caderno de Prelúdios, em 1910, marcou a escrita para esse instrumento no início do século XX. Contrastando com peças que representam o movimento das águas, *La cathédrale engloutie* é uma obra que apresenta características mais estáticas. Aproveitando a ressonância do piano, Debussy sobrepõe diversos planos sonoros pouco movimentados, onde interagem construções harmónicas paralelas de sabor modal. Desta forma, é dissolvida a retórica tonal e valorizado o papel colorista dos elementos constituintes da obra.



GOTA DE ÁGUA © SVEN HOPPE – WIKIMÉDIA COMMONS

As cidades portuárias desenvolvem uma relação muito própria com a água e com a música. Tal é o caso de Almería, um dos mais importantes portos da Andaluzia que **Isaac Albéniz** (1860-1909) retratou na suite *Iberia*. *Almería* foi incluída no segundo caderno da obra, publicado em Paris em 1907. A peça baseia-se na estilização do *taranto*, um *palo* flamenco originário da região. O *palo* é uma forma musical definida por características modais e rítmicas. A regularidade rítmica do *taranto* (*o compás*), a sua inclinação dançável e o recurso ao modo frígio foram adaptados por Albéniz, criando uma obra virtuosística de sabor popular.

A bruma é constituída por gotículas de água. Esse é também o tema de *Nas brumas*, uma das últimas obras para piano solo do modernista checo **Leoš Janáček**. A suite, da qual iremos ouvir o primeiro andamento, foi composta para um concurso promovido pelo Clube dos Amigos da Arte de Brno. Possivelmente composta em 1912, a obra começa com uma melodia simples e angular, que dá lugar a uma secção mais movimentada em que são encadeados acordes paralelos sobre o movimento perpétuo do acompanhamento. A peça, em forma tripartida, termina com o regresso do carácter inicial, até submergir por completo.

Ao longo da segunda metade do século XX, o compositor italiano **Luciano Berio** (1925-2003) conciliou fontes tão díspares como o serialismo, a música tradicional e a música eletrónica. Entre 1965 e 1990 compôs um conjunto de miniaturas para piano solo que designou posteriormente por *Encores*. Inicialmente destinada a dois pianos, *Wasserklavier* (Piano de água) foi a primeira destas a ser escrita. De carácter lírico e remetendo para um contexto tonal, a sua linguagem funde modernismo com romantismo, integrando motivos dos *Intermezzi*, op. 117, de Johannes Brahms e dos *Impromptus*, op. 142, de Franz Schubert.

A obra mais recente do presente recital foi escrita em 1992 como tributo a Olivier Messiaen, falecido nesse ano. O compositor japonês Toru Takemitsu (1930-1996) inspirou-se nas estéticas de Debussy e Messiaen para desenvolver uma linguagem musical própria e fortemente ligada à tradição musical japonesa. Em *Rain Tree Sketch II*, o compositor inspira-se num romance de Kenzaburo Oe, no qual uma árvore armazena as gotas de chuva, libertando-as até muito tempo após a precipitação. É uma obra tripartida num esquema ABA, na qual alguns motivos emergem e submergem na textura sonora caleidoscópica.

Johannes Brahms

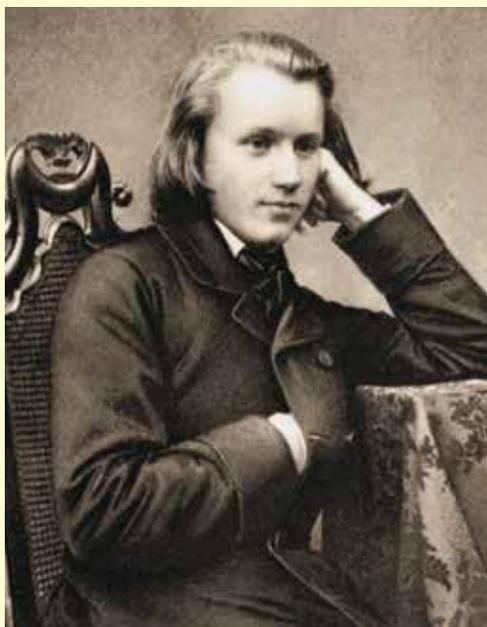
Hamburgo, 7 de maio de 1833

Viena, 3 de abril de 1897

Sonata para Piano n.º 2 em Fá sustenido menor, op. 2

COMPOSIÇÃO: 1852

DURAÇÃO: c. 27 min.



JOHANNES BRAHMS EM 1853 © DR

A Sonata para Piano n.º 2 de Johannes Brahms concilia a herança beethoveniana com novos modelos expressivos. Apesar de ter sido escrita antes da Sonata n.º 1, foi editada depois, daí o seu número de *opus*. Nessa altura, Brahms era já um pianista reconhecido e compunha nos géneros que melhor potenciavam as suas capacidades. Assim, as sonatas para piano solo datam do seu período formativo. Contudo, o ênfase do Romantismo na expressão direta da sensibilidade do artista veio desvalorizar o género sonata em detrimento de obras de carácter mais livre. A Sonata n.º 2 foi dedicada a Clara Schumann e, à semelhança das sinfonias, tem quatro andamentos. O primeiro dos mesmos encontra-se em forma sonata e é influenciado por uma abordagem orquestral, principiando de forma afirmativa. O primeiro grupo temático remete para o virtuosismo romântico, no qual o músico se desloca pelo teclado tocando passagens em acordes e oitavas. Após uma transição, o lirismo do segundo grupo temático entra em cena, contrastando com a tempestuosidade do primeiro. O desenvolvimento segue a ordem de apresentação dos mesmos e a transição baseia-se no material do segundo grupo temático. O andamento termina

com uma reexposição na qual Brahms apresenta os materiais de forma muito diferente da exposição. O segundo andamento consiste numa forma de tema com variações sobre uma melodia de carácter popular. A sua delicadeza remete para a vocalidade, apresentando-se numa forma de pergunta-resposta, por vezes imitando o eco. A transformação melódica e harmónica e a adição de vozes e temas encontram-se patentes nas três variações, que conduzem ao *Scherzo*, este com um tema lúdico e enérgico reminescente do andamento anterior. O *Trio* é mais estático e inclui temas que evocam o toque dos sinos, a caça e o universo das canções tradicionais, aproveitando as ressonâncias do piano. A obra termina com um andamento em forma sonata. A introdução lenta do andamento remete para a atmosfera etérea do noturno, peça característica dos virtuosos da época. Esta cede lugar a um tema enérgico com características orquestrais, que contrasta com o segundo grupo temático, mais lírico. Após um desenvolvimento instável, o material temático reemerge de forma quase despercebida, conduzindo a um final que retoma a atmosfera da introdução.

NOTAS DE JOÃO SILVA

Hélène Grimaud

Piano



HÉLÈNE GRIMAUD © MAT HENNEK

Hélène Grimaud nasceu em Aix-en-Provence, em França. Estudou com Jacqueline Courtin e Pierre Bizet antes de ingressar no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris. Prosseguiu os seus estudos com György Sándor e Leon Fleisher até 1987, ano em que se estreou em recital em Tóquio. Nesse mesmo ano, foi convidada por Daniel Barenboim para se estreiar com a Orquestra de Paris. Desde então, apresentou-se nos mais prestigiados palcos internacionais, tendo colaborado com a maioria das grandes orquestras mundiais e maestros de renome. Em 1995 estreou-se com a Filarmónica de Berlim, sob a direção de Claudio Abbado e em 1999 tocou pela primeira vez com a Filarmónica de Nova Iorque e o maestro Kurt Masur.

Apresenta-se na presente temporada pela terceira vez em recital na Fundação Gulbenkian, tendo também atuado com a Orquestra Gulbenkian, no Grande Auditório, em duas ocasiões (2000 e 2006). Hélène Grimaud é também uma dedicada intérprete de música de câmara, apresentando-se com regularidade em prestigiados festivais internacionais, nomeadamente em colaboração com músicos como Sol Gabetta, Thomas

Quasthoff, Rolando Villazón, Jan Vogler, Truls Mørk, Clemens Hagen ou os irmãos Capuçon. Grava para a Deutsche Grammophon desde 2002, tendo as suas gravações sido recebidas com os maiores elogios da crítica e merecido importantes prémios como *Cannes Classical Recording of the Year*, *Choc* da revista *Le Monde de la musique*, *Diapason d'or*, *Grand Prix du disque*, *Record Academy Prize* (Tóquio), *Midem Classic Award* e *Echo*. Em 2016 foi lançado o CD *Water*, uma gravação ao vivo que reúne obras de nove compositores. Hélène Grimaud foi distinguida no seu país com os graus de *Officier dans l'ordre des Arts et des Lettres* (2002) e *Chevalier dans l'Ordre National du Mérite* (2008). Em 2004 foi premiada nos *Victoires de La Musique*, em 2005 foi *ECHO Instrumentalist of the Year* e em 2009 recebeu o prémio do Festival de Música de Bremen. Artista carismática e multifacetada, Hélène Grimaud é também uma convicta defensora das espécies animais em vias de extinção. No Estado de Nova Iorque criou o Wolf Conservation Center, uma instituição focada na conservação ambiental. É também membro da organização *Musicians for Human Rights*.

6 Abril

QUINTA, 21:00

Waltraud Meier

Orquestra Gulbenkian



GULBENKIAN
MÚSICA



GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÁMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CÓRPO GULBENKIAN



Apoiar a cultura

pwc

A PwC, enquanto Mecenas do Ciclo de Piano da Temporada Gulbenkian Música, tem honra em apoiar a cultura, incentivando a divulgação da música clássica.



Conheça-nos melhor
em www.pwc.pt



[/pwc.pt](https://www.facebook.com/pwc.pt)



[/company/pwc-portugal](https://www.linkedin.com/company/pwc-portugal)

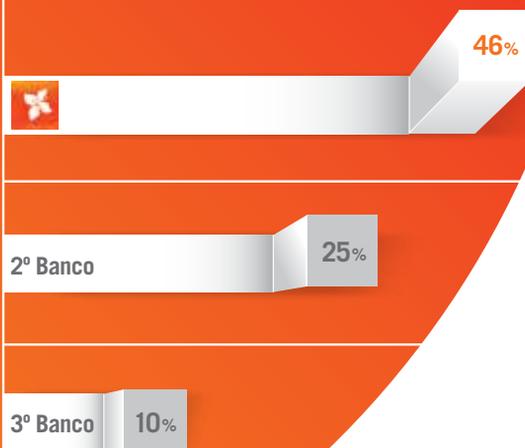
BANCO DE CONFIANÇA.



BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Selecções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
400 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Abril 2017

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

GULBENKIAN.PT